

Linguagens e culturas infantis, de Adriana Friedmann

São Paulo: Cortez, 2013, 184 p.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

Doutora em Educação. Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP – Brasil.
ligia@uninove.br

Quando brinca, a criança dança, fala com seu corpo e sua expressão. O que seu olhar nos diz? Ela quer nos dizer algo ou ela diz por que ela vive, simplesmente? Ela é a autora da sua própria vida. Pés bem enraizados no chão, conectando-se, através do seu centro emocional que gira em torno da sua cintura e ventre, peito-coração abertos, olhar profundo, com uma dimensão universal e arquetípica do brincar que propicia sua expressão mais completa. (FRIEDMANN, 2013, p. 13)

A preocupação com que a escola desenvolva as diferentes linguagens infantis a fim de que a criança possa se expressar completamente como aponta a epígrafe acima não é algo da atualidade. No século XVI, Martinho Lutero era a favor de uma educação pautada no prazer por meio da ludicidade. Dizia que crianças e jovens gostam de dançar, de cantar e de pular e que estão sempre em busca de prazer, por isso a escola tinha de ensinar brincando.

Rousseau, no século XVIII na obra *Emílio* aponta a necessidade de uma educação ajustada à natureza infantil. Ele entendia a criança tal como ela é, e não como um adulto em miniatura, assim, sugere a utilização do brinquedo nas diferentes práticas pedagógicas uma vez que o concebia como uma atividade que estimulava a aquisição de novos conhecimentos.

No século XIX, diversos autores também discutiram a importância da atividade lúdica e de outras linguagens no desenvolvimento da criança. Na Alemanha, Goethe e Schiller se preocupavam com a imaginação das crianças durante as brincadeiras e suas implicações na vida adulta. Froebel e Pestalozzi discutiam a importância do jogo na infância e sua relação com a educação.

No século XX, psicólogos e psicanalistas tais como Winnicott (1982), Freud (1976), Piaget (1971), Luria (1932) e Vygotsky (1984) trouxeram contribuições importantes em relação à ludicidade e afirmavam que a

fantasia infantil possibilita entender a origem dos devaneios na fase adulta. Autores atuais, tais como Brougère (2004), Wajskop (2007), Rosa (2002), Kishimoto (2003) e Freedmann (1996) discutem o jogo, o brinquedo e a brincadeira trazendo subsídios à prática pedagógica.

Adriana Friedmann é autora de vários livros e artigos que discutem a infância e suas singularidades dentre eles “*Linguagens e culturas infantis*”. A obra discute as manifestações infantis de crianças de 7 a 12 anos de idade provenientes de diferentes contextos socioeconômicos e culturais. A autora toma como base as imagens, os momentos lúdicos, as produções plásticas, as falas e os relatos infantis a fim de apontar a multiplicidade das expressões e a riqueza imaginativa das crianças buscando demonstrar o quanto elas são capazes de romper estruturas rígidas impostas socialmente.

Nessa obra, Friedmann dialoga com diferentes áreas do conhecimento, a saber: antropologia, filosofia, psicologia, arte e educação. Tem por objetivo compreender a expressão verbal e não verbal da criança pós-moderna. Assim, a autora busca “[...] demonstrar a importância de o adulto observar, perceber, ouvir, ler e compreender as expressões do universo e das culturas das crianças” (FRIEDMANN, 2013, p. 32).

A obra discute a infância numa perspectiva totalmente diferente de seus livros anteriores. Por meio da memória de sua própria infância, Friedmann dá voz às crianças para que elas possam expressar os sentimentos e emoções vividos por meio de cada atividade lúdica. De maneira geral, o livro faz referência às brincadeiras, às falas das crianças, aos desenhos e às expressões infantis, cujos tópicos estão diluídos em seis capítulos.

No capítulo I, intitulado “Brincares: Tempo de brincar”, Friedmann descreve uma brincadeira universal passo a passo e que é utilizada até os nossos dias a fim de que o leitor perceba, sinta e leia o que está na essência da dinâmica envolvida. A autora interpreta as falas das crianças com as quais se envolveu durante a pesquisa e faz reflexões a respeito da comunicação da brincadeira e da imaginação. Entende-se que dar voz às crianças é fazer uma leitura que se isenta das interferências dos adultos. São falas extremamente potencializadas que permeiam o universo infantil e apontam o significado real do vivido. Expressam as emoções e os sentimentos que muitas vezes não percebemos.

No capítulo II, cujo título é “Culturas lúdicas: mapa do brincar”, a autora descreve algumas brincadeiras que foram narradas por crianças entre 6 e 12 anos de idade, habitantes de diferentes regiões do Brasil e

que fizeram parte de uma pesquisa desenvolvida por Friedmann em 2009 denominada “Mapa do Brincar” que, à época, contou com a participação de mais de 10 mil crianças as quais relataram do que e como brincam. O interessante desse capítulo é observar a forma como as crianças narram as brincadeiras e a análise feita pela autora, pois por meio dela Friedmann discute o conceito de culturas lúdicas infantis e de fenômeno lúdico. Vê-se como importante que os educadores entendam as manifestações infantis da forma como são vividas no momento, pois são elas que oferecem subsídios para que eles possam compreender as especificidades do ser criança.

No capítulo III, denominado “Dizeres – com a palavra, as crianças” Friedmann se utiliza de um material cedido pela “Folhinha” do jornal Folha de S.Paulo, que, em 2007, promoveu um concurso no qual 6 mil crianças de 7 a 12 anos de idade encaminharam desenhos e narrativas contando o que significa para elas ser criança. A autora coordenou uma equipe que analisou por volta de 600 documentos, os quais espelham o que as crianças sentem, vivem e pensam sobre essa etapa da vida. Quem melhor sabe o que é ser criança do que a própria criança? Esse capítulo emociona, pois faz reviver momentos agradáveis e/ou difíceis de nossa infância. Por que tal pergunta, isto é, como é ser criança nos dias atuais não é feita constantemente pelos educadores das escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental? Entende-se que as relações entre professores e alunos poderiam ser diferentes se os primeiros se propusessem a conhecer as angústias e as alegrias do universo infantil. A autora se utiliza de muita sensibilidade para resgatar a essência das palavras das crianças.

Dando sequência à obra, Friedmann analisa no capítulo IV, intitulado “Imagens: Expressões plásticas”, pinturas coletivas e individuais realizadas por crianças. Trata-se de um projeto chamado “As cores da paz pelas crianças do Brasil”, desenvolvido pela autora no ano de 2005, cujo objetivo era dar voz às crianças de diversas instituições a fim de que elas pudessem representar pictoricamente o que compreendiam sobre a não violência e a cultura da paz. Esse projeto foi desenvolvido após Friedmann ter conhecido o projeto *Kids Guernica* criado no Japão, no qual grupos infantis de vários países elaboraram painéis coletivos e individuais inspirados na obra *Guernica* de Pablo Picasso (um retrato da Guerra Civil espanhola) com o objetivo de, como contraponto, expressarem a cultura da paz. Estudos da psicologia apontam como a expressão pictórica revela o mundo infantil. O

que seria viver em paz para as nossas crianças? Thaiz de 12 anos de idade diz o seguinte sobre esse sentimento: “Meu tesouro tem olhos e é composto por sete seres...[...] minha linda, maravilhosa e adorável família. Todos os veem, mas meu coração é que sente”.(p. 128). A fala dessa criança revela a importância da família para que se viva em plenitude.

No capítulo V, intitulado “Expressões: Vozes de solidão”, a autora analisa imagens e falas infantis que expressam vários tipos de solidão. Dessa forma, ela pôde vivenciar as emoções infantis e a realidade das crianças atuais revivendo sua própria solidão infantil. Nesse capítulo, as crianças se apresentam abertamente expondo a solidão que sentem e o quanto às vezes é necessário que fiquem sós para que possam se expressar. Novamente a sensibilidade da autora é tocante. Ao fazer a leitura, as reminiscências de minha infância me invadiram e provocaram uma reflexão. Quantas de nossas crianças não precisam ser ouvidas? Deve-se possibilitar essa escuta se a escola se preocupa com os sentimentos infantis.

No VI e último capítulo, cujo título é “Olhares: Ciranda-rodapião”, Friedmann estabelece um diálogo com educadores respondendo às perguntas e inquietações que lhe foram feitas em seminários, palestras e encontros. O interessante desse capítulo é a oportunidade que a autora oferece aos docentes para que eles possam refletir, observar e ouvir as crianças, de fazer pesquisas e repensar a respeito das diferentes linguagens infantis. Entende-se que todas essas linguagens estão presentes no cotidiano dos professores, mas, muitas vezes, discuti-las é visto como desnecessário. À escola cabe ensinar os conteúdos sistematizados enfatizando o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo como se eles fossem inseparáveis.

No decorrer do livro, Friedmann se utiliza de diferentes referenciais para que possa sustentar suas interpretações e análises. São autores da Antropologia, da Filosofia, da Psicologia e das Artes. Trata-se de uma obra que expressa muita sensibilidade e que oferece a oportunidade de ouvir as crianças e de saber como elas pensam. A leitura desse livro me levou a refletir, por mais que eu concorde com isso, sobre a importância do olhar e do ouvir atentos enquanto as crianças desenvolvem suas múltiplas linguagens. Entendo ser uma leitura importante, principalmente, para os docentes que lecionam na Educação Infantil e no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, uma vez que as análises realizadas por Friedmann nos aproximam das angústias, dos medos e das alegrias do universo infantil.